

A cidade, seus espaços, narrativas e o morador de rua: entre o miserável e o *flâneur*



Laura Martini Bedran¹
Lucas Eduardo Dantas²

Resumo: Este artigo trata de urbanidades, subjetividades e conflitos gerados na cidade moderna e que se mantêm entrelaçados ao ambiente urbano contemporâneo. Para tal, o morador de rua é destacado na narrativa que busca refletir sobre sua invisibilidade perante a sociedade, o estado e a mídia ao ocupar os espaços esquecidos ou não reconhecidos como espaços ativos da cidade. Como um personagem do urbano, o morador de rua situa-se entre o miserável de Victor Hugo e o *flâneur* de Baudelaire.

Palavras-chave: cidade; espaço urbano, subjetividades; morador de rua.

A cidade, sus espacios, narrativas y el morador de rua: Entre o miserable y o *flâneur*

Resumen: En este artículo se trata de residentes urbanos, subjetividades y conflictos que se generan en la ciudad moderna, que queda entrelazado con el medio ambiente urbano contemporáneo. Con este fin, las personas sin hogar se pone de relieve en la narrativa que busca reflexionar sobre su invisibilidad en la sociedad, el Estado y los medios de comunicación que deberán ocupar los espacios olvidados o no reconocidos como activos espacios de la ciudad. Como un personaje de la ciudad, las personas sin hogar se encuentra entre los miserables de Victor Hugo y el *Flâneur* de Baudelaire.

Palabras clave: la ciudad; espacio urbano, subjetividades; sin hogar.

The city, its spaces, narratives and the homeless: Between the miserable and the *flâneur*

Abstract: This article deals with urbanities, subjectivities and conflicts generated in the modern city, which remains entwined with contemporary urban environment. To this end, the homeless is highlighted in the narrative

¹ Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano/UFF. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas Aplicadas LAPA/PPGM-C-UFF. Doutora em Comunicação/PPGCOM/UFF e Mestre em Artes Visuais/EBA-UFRJ.

² Pesquisador do Laboratório de Pesquisas Aplicadas-LAPA/PPG-MC-UFF. Mestrando em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano/UFF.

that seeks to reflect on their invisibility in society, the state and the media to occupy the spaces forgotten or not recognized as assets spaces of the city. As a character in the city, the homeless is between the miserable of Victor Hugo and Baudelaire's Flâneur.

Keywords: city; urban space, subjectivities; homeless.

Introdução

A cidade contém narrativas que são apropriadas por seu público urbano. Público este cada vez maior e mais diversificado. Quando as primeiras cidades do século XIX, como Paris, Londres e Nova Iorque, foram transformadas em ambientes urbanos, civilizados e modernos, elas geraram muito mais do que vias alargadas para maior e melhor fluxo de pessoas e veículos: geraram urbanidades - características intrínsecas ao ambiente urbano.

Enquanto estes novos espaços da cidade moderna eram impulsionados pelo capitalismo crescente, a indústria e as muitas inovações tecnológicas inseridas no cotidiano, muitas outras esferas sensíveis eram afetadas além da facilidade de locomoção. Atividades diárias davam o tom dos novos tempos: circular apressadamente; assustar-se com a velocidade dos novos transportes; atualizar-se com as notícias do mundo; intimidar-se com o estranho que sente ao lado; passar horas descompromissadas em um café; acompanhar com curiosidade as tramas e/ou o desenrolar dos folhetins; apreciar vitrines sem ter nada para comprar; entreter-se com espetáculos musicais. Os espaços da cidade passaram a conter significados múltiplos a partir de seus usos e usuários. A cidade passou a ser capaz de absorver o múltiplo onde a multidão passou a ser público. A cidade moderna do século XIX não somente transformou a multidão como também a diversificou porque transformou o sensível.

Ao ser projetada para fluir, distinguindo e determinando seus espaços de uso e fluxo, a cidade moderna gerou urbanidades que não se limitaram ao seu tempo. Também a cidade em que vivemos exala esta atmosfera sensível em meio ao seu rígido sistema organizacional, mantendo atuais os primordiais modos sensíveis de perceber a cidade acrescida, claro, das tecnologias do nosso tempo.

A rua hoje é um espaço de interações múltiplas onde processos comunicacionais estão em meio ao nosso fluxo diário. A vida em rede, que em um futuro imaginado poderá nos manter isolados e protegidos dos perigos do ambiente externo, ainda é uma solução imaginária. Estamos em rede, e estamos na rua. Cada vez mais a interação entre os campos real e virtual se dá na prática: em calçadas à beira-mar, casais se fotografam e postam sua paixão nas redes sociais; em bancos de praças, grupos de jovens adolescentes conversam animadamente enquanto mantêm-se conectados para tranquilidade de seus pais. Há um tempo simultâneo que une os campos virtual e real.

Muito da percepção da cidade em que vivemos se dá pelos trajetos que a percorremos. O modo como a significamos se dá pelo reconhecimento,

pela familiaridade. É natural deixarmos ao campo turístico o desconhecido. Assim sendo, a cidade cotidiana, a que nos pertence, tem seus recantos familiares e seus lugares obscuros por uma condição moderna criada lá atrás, no século XIX. A revolução urbana, que projetou redes de esgoto e abastecimento de água, demoliu ruelas tortuosas para construir novos fluxos de intensa circulação para abrigar o novo mercado e as novas classes sociais urbanas em ascensão; com a promessa de um liberalismo econômico capaz de abraçar a todos, afastou a pobreza para a periferia. As novas construções abrigaram as classes mais abastadas e os espaços de lazer que muito se ajustavam ao novo comportamento. Porém, a pobreza, mesmo que em grande parte afastada para a periferia, não deixava de atravessar a cidade, de abastecer e servir à engrenagem que a movia. Em pouco tempo, estas cidades tornaram-se capazes de concentrar aspectos antagônicos de forma simultânea: toda a sedução e repulsa nelas contidas, toda identidade e anonimato nelas permitidas e toda a riqueza e pobreza nelas vividas.

O redesenho que estas cidades modernas adquiriram já espelhava, em muito, a crise do espaço urbano no contemporâneo. Infelizmente, é fácil observar este contínuo na atualidade no que se refere à periferia afastada e à pobreza que circula, atravessa a cidade ou mesmo, mora em suas ruas. Personagem urbano do contemporâneo, o morador de rua é muitas vezes invisível a quem passa, e quando não, pode ser amedrontador. Ocupa espaços que normalmente são espaços esquecidos da cidade; espaços não reconhecidos como espaços ativos aos usuários urbanos. É muito por este motivo, esta população torna-se invisível a quem passa: estão debaixo de viadutos, atrás de muros, debaixo de marquises ou aconchegados em caixas de papelão. Porém, sendo a rua a sua casa, decerto o morador de rua usa de práticas para habitar e significar seus espaços (CERTEAU, 2012).

Refletir o modo como a cidade e a sociedade urbana excluem esse indivíduo e como a mídia tradicional não o representa, de modo a contribuir para eliminar possíveis barreiras sociais, são as questões deflagradas neste artigo.

A transformação do sensível: o moderno e o contemporâneo entrelaçados

Ao confrontar a cidade moderna com as antigas aldeias, Lefebvre (1969) observa que a modernidade, ao predeterminar o acontecimento elegendo e nomeando espaços anteriormente espontâneos, inseriu o indivíduo em um novo desafio: a experiência inventiva a partir de uma via de conhecimento aparentemente segmentada e rígida. Simmel (1979) também nos alerta que a cidade moderna apresentou ao cidadão o desafio da reivindicação de sua autonomia e individualidade perante as novas experiências cotidianas que se apresentaram, a partir, principalmente, do modo como a população das aldeias foi acrescida muito rapidamente de trabalhadores, operários, comerciantes, forasteiros e transformada em multidão urbana.

Característica dos ambientes urbanos, a multidão se mostrou significativa ao olhar de muitos autores como objeto de pesquisa e reflexão. Benjamin (1980) faz referência à temática como comum e imperiosa aos autores do século XIX e cita, como exemplos, Victor Hugo com *Los miserables*, Eugène Sue com *Mystères de Paris* ou ainda as classes trabalhadoras conforme descritas por Marx e Engels. Porém, afirma que é em Baudelaire que este tema se torna natural, com um grande sentido de pertencimento a um modo de vida que se impõe:

Em vão se procurará em *Fleurs du mal* ou *Spleen de Paris* qualquer coisa de análogo aos afrescos citadinos em que Victor Hugo era insuperável. Baudelaire não descreve nem a população nem a cidade. E é exatamente esta renúncia que lhe permitiu evocar uma na imagem da outra. A sua multidão é sempre a das metrópoles, a sua Paris é sempre superpovoada. (BENJAMIN et al., 1980, p. 37).

Os dois grandes literatos citados viveram a cidade de Paris em transformação. Enquanto Victor Hugo descreve sua multidão de miseráveis, Baudelaire personifica sua multidão liberta no *flâneur*. A dualidade na percepção dos autores se torna possível pelo modo como se organizou a cidade moderna: lugar do múltiplo, das diferenças, do antagonismo e das dicotomias, onde prazer e dor se encontram frequentemente em nossos cotidianos. E surpreendentemente, sem que isso nos impeça de ir em frente: ficamos acostumados ou mesmo anestesiados.

A esse respeito, Benjamin (1980) recorre a Freud e à experiência do choque para justificar o modo como o cotidiano moderno, que passou a explorar o corpo humano em seus vários sentidos, contribuiu para esta anestesia diante de fatos que deveriam nos surpreender. O choque torna-se trauma quando a apreensão se dá sem as devidas defesas do organismo, as quais são proporcionadas pela consciência. Mais enfaticamente, afirma que o choque ao ser aparado pela consciência, daria ao acontecimento o sentido de vivência, neutralizando o suposto efeito traumático. Ora, se assim se processa o binômio choque e experiência, Benjamin sugere que as sucessivas experiências de choques provocadas no cotidiano urbano acabam por neutralizar o aspecto traumático da vida urbana e promover a adaptação gradual do homem a esse novo e estranho modo de vida.

A multidão, a massa humana que circula volumosa, torna-se permissiva à existência do *flâneur* (BENJAMIN et al., 1980, p. 41), o cidadão das ruas que consome através do olhar. O *flâneur*, como o homem da multidão parisiense, é capaz de circular sem penetrar freneticamente no ritmo da cidade, permitindo ao seu olhar o deleite e a isenção.

Como uma voz arquetípica da modernidade, Benjamin (1980) aponta Baudelaire como o primeiro a visualizar uma nova estética cultural pela qual o homem das cidades é invadido. Ao retomar a sua poesia buscando em seus versos a experiência da cidade, o efêmero das ruas aflora no soneto *À une passante*, no qual a personagem título, ao passar em meio a multidão, mesmo que desconhecida sob o véu de viúva, aguça o olhar e seu imaginário

tornando já remoto, o último instante: “O êxtase do cidadão é um amor não já à primeira vista, e sim à última” (BENJAMIN et al., 1980, p. 38).

Berman (2005) também aponta nos poemas de Baudelaire uma espécie de transcendência de um tempo que se modula no contemporâneo. Expõe que a forma literária adotada por ele é a expressão do novo, destacando sua fala no prefácio da coletânea de poemas em prosa, no qual diz que esta nova linguagem, “a prosa poética”, se apresenta “musical mas sem ritmo e sem rima, suficientemente flexível e suficientemente rude para adaptar-se aos impulsos líricos da alma, às modulações do sonho, aos saltos e sobressaltos da consciência”, e que “esse ideal obsessivo nasceu das cidades enormes e do cruzamento de suas inúmeras conexões” (BERMAN, 2005, p. 169).

O que Baudelaire procura comunicar através dessa linguagem, antes de mais nada, é aquilo que chamarei de cenas modernas primordiais: experiências que brotam da concreta vida cotidiana da Paris de Bonaparte e de Haussmann, mas estão impregnadas de uma ressonância e uma profundidade míticas que as impellem para além de seu tempo e lugar, transformando-as em arquétipos da vida moderna. (BERMAN, 2005, p. 169).

Para demonstrar o modo como tais cenas primordiais se expandem além de seu tempo, analisa dois poemas do autor recolhidos em *Spleen de Paris*, denominados *Os olhos dos pobres* e *A perda do halo*. Em *A perda do halo*, fica exposta a dessacralização da arte que o mundo moderno inaugurou com primazia. Resumidamente, o poema se apresenta na forma de um diálogo entre um poeta e um homem comum. O homem surpreende o poeta em uma espécie de bordel e, escandalizado, ouve-o argumentar que há poucos minutos andava assustado com o tráfego intenso da cidade, e num gesto brusco perdeu sua insígnia de artista - o halo - que caiu no lodaçal de macadame. Demasiadamente assustado para parar e tentar resgatá-lo, seguiu seu caminho. E agora, surpreendentemente, ele se via livre e incógnito para exercer qualquer tipo de atividade.

Berman (2005) sugere que nesta poesia estão presentes fatores transcendentais da vida moderna urbana: a velocidade imposta pelos novos meios de transporte, a regência de uma nova temporalidade e, sobretudo, a visão precursora do artista sobre a dessacralização da arte - tema este que será mais tarde debatido por Benjamin (1980) ao relacionar o modo como as técnicas de reprodução dos originais colocaram em xeque a aura do objeto artístico. E aponta tais afinidades entre o poema e as transformações do mundo:

‘A perda do halo’ trata da queda do próprio Deus de Baudelaire. Porém, é preciso lembrar que esse Deus é cultuado não só por artistas, mas igualmente por homens comuns, crentes de que a arte e os artistas existem em um plano muito acima deles. ‘A perda do halo’ se dá em um ponto para o qual convergem o mundo da arte e o mundo comum. E não se trata de um ponto apenas espiritual, mas físico, um determinado ponto na paisagem da cidade moderna. É o ponto em que a história da modernização e a história do modernismo se fundem em um só. (BERMAN, 2005, p. 178).

Em *Os olhos dos pobres*, emerge a dualidade da cidade moderna que serve ao prazer e à dor. A prosa poética discorre sobre a incompatibilidade

dos amantes. Em um lamento apaixonado do homem à sua amada, ele fala sobre os momentos que antes desfrutavam na intimidade de seus olhares apaixonados, reservados à privacidade que um café do bulevar é capaz de proporcionar. Porém, em meio ao conforto, aconchego e beleza daquele ambiente, o casal é surpreendido pelos olhares perplexos de uma família pobre que os observa do lado de fora. Sem ódio, revolta ou qualquer hostilidade, a família reflete com o olhar resignado um mundo que não lhe pertence. É nesse instante que o casal entra em confronto, em discordância: enquanto o homem se ressentido da desigualdade social, sua amada procura expelir aquela cena insuportável pedindo ao gerente que os afaste. Berman (2005) procura expor com esta passagem do poema a incompatibilidade não dos amantes, como pode parecer a princípio, mas da própria cidade como um novo espaço de congruências múltiplas:

A família em farrapos, do poema baudelaireano, sai de trás dos detritos e se coloca no centro da cena. O problema não é que eles sejam famintos ou pedintes. O problema é que eles simplesmente não irão embora. Eles também querem um lugar ao sol. (BERMAN, 2005, p. 174).

Ao ser reorganizada para fluir, destituída de sua clausura e dos guetos medievais anteriores, a urbanização inseriu os bulevares como lugares de grande sedução e prazer aos sentidos. Porém, ao unificar seus espaços em uma dinâmica fluida, a pobreza rejeitada, expulsa para longe dali, não se detém e circula atraída pelas mesmas luzes sedutoras da nova cidade, colocando em evidência a desigualdade social tão presente nas cidades contemporâneas.

O morador de rua e sua representação: entre o miserável e o flâneur

Se nas cidades contemporâneas ampliaram-se as facilidades, ampliaram-se também os conflitos. Com a consolidação do modelo capitalista de consumo, o espaço urbano deu lugar ao privado; as práticas coletivas foram reduzidas ainda mais e a ideia de individualismo, já presente na modernidade, se intensificou no contexto atual. Assim, a segregação espacial promovida como, por exemplo, a dos *shoppings centers*, dos condomínios, dos bairros nobres ou das zonas *gourmets* tornam-se espaços de segregação social.

Outro conflito que está presente com grande intensidade e torna-se um dos aspectos que reflete parte da crise do urbano são os pontos de esvaziamento de narrativas. A cidade, a rua, seus espaços, suas narrativas. Os trajetos e roteiros que nos significam são os que escolhemos; os trajetos e roteiros que não reconhecemos são os que excluímos. E a cidade está repleta desses mapas. Caminhar na cidade, uma prática cotidiana, nos fala muito da cidade em que vivemos. “O ato de caminhar está para o sistema urbano

como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (CERTEAU, 1994, p. 164).

Nesta relação entre o ambiente e o sujeito, o pesquisador propõe uma associação distinta dos termos espaço e lugar, na medida em que o espaço é definido “como um lugar praticado”, voltando-se para a mobilidade que está associada ao termo: “O espaço é um cruzamento de móveis”. Enquanto que o conceito de lugar sugere fixidez, mesmo que por meio de uma “configuração instantânea de posições” que o associam a uma prática (CERTEAU, 1994, p. 202).

Estas definições encontram ressonância nos conceitos sobre lugar e não lugar expostos por Augé (1997); lembrando que os mesmos são espaços reais nos quais o que está em jogo é “a relação que seus utilizadores mantêm com esses espaços” (AUGÉ, 1997, p. 169). Assim sendo, é possível que espaços reconhecidamente tomados como lugares para uns, para outros possam tratar-se de não-lugares; e o inverso pode igualmente acontecer. Como pontos cegos da composição urbana, muitos desses espaços esvaziados de narrativas, os quais podem ser considerados como espaços de não lugares, espaços negados, espaços não reconhecidos, são os espaços ocupados pela população em situação de rua.

Uma pesquisa nacional, realizada em 2007, fez um levantamento detalhado sobre a população de rua no Brasil. O objetivo foi traçar um perfil para servir como base instrumental para o desenvolvimento de um plano estratégico de ações que formam a Política Nacional de Inclusão Social da População em Situação de Rua (BRASIL, 2008). A pesquisa assim define a população em situação de rua:

Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua pobreza extrema, pela interrupção e fragilidade de laços familiares e pela falta de moradia convencional e regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar. (BRASIL, 2008, p. 8).

Nota-se que a pobreza extrema é colocada aqui como um aspecto definidor latente, o que por si só já requer políticas públicas para o desenvolvimento e fortalecimento do exercício da cidadania por esta população, o que inclui o acesso aos direitos humanos, à assistência social, à educação, saúde, cultura e mesmo à capacitação profissional, o que poderia retirá-los desta situação. E, de forma resumida, podemos afirmar que sobre estas premissas foi elaborado o plano de estratégias a ser aplicado.

Porém, vale ressaltar que a pesquisa também reconhece a rua como um local múltiplo capaz de construção de identidades que não deveriam ser ignoradas no trato das políticas públicas que se voltam para este setor:

A rua não deve ser vista como um local de circulação entre espaços privados, uma espécie de limbo entre situações reconhecidas, mas como um espaço em si, tão abarcador e produtor de realidades como qualquer outro. Estar na rua

é ocupá-la, não como violação do espaço limpo e vazio. É preciso desconstruir a bipolaridade ontológica entre normal e anormal colocada para pessoas em situação de rua, considerando a produção e reprodução de identidades sociais. (BRASIL, 2008, p. 4).

Aqui podemos ver com mais facilidade como os conceitos convergem a um discurso de re-humanização deste morador dentro da sociedade. Reforçam a ideia da rua como um território capaz de produção de identidades, e não apenas como um espaço de transição entre locais de funções distintas como residência, local de trabalho ou áreas de lazer. Apontam para a desconstrução de rótulos e estigmas sobre este indivíduo ao reconhecer a rua – seu habitat - como um espaço possível de significações capazes de fortalecê-lo e não de reduzi-lo.

O que se busca demonstrar com tais ponderações é que apesar de o morador de rua estar cerceado e restrito a apenas determinados espaços, este os ressignifica a partir de sua presença e de sua prática. Através de sua caminhada, cria seu próprio mapa urbano, com zonas livres e proibidas, locais de diversão e descanso. Podemos assim dizer, que a partir do ato de flunar da população de rua – logo que se entende suas práticas urbanas descritas acima como tal – esta produz conteúdo simbólico sobre o espaço ao mesmo tempo em que o contempla e o conhece.

Sr. X (fig 1), atualmente morador das proximidades do calçadão do bairro de São Francisco, em Niterói (RJ), carrega sua casa acomodada em um carrinho de mão. Prefere estar só e à sombra de uma árvore. Quando perguntado se precisava de algo respondeu: - *Dinheiro é bom... um espelho e uma tesourinha também, pra aparar a barba.*

Figura 1: Morador de rua em Niterói (RJ)



Fonte: Registro feito pelos autores

É importante reconhecer que a população de rua, a partir de sua habitação e práticas cotidianas, transforma o espaço da rua, ressignifica e cria sua história sobre ele. Sua caminhada escreve sobre o tecido urbano a sua identidade que ali vem sendo constituída. Traduziria talvez, a visão exposta por Simmel (2016) acerca de que o espaço, em geral, é uma atividade da alma, no qual a maneira humana de unir estímulos sensoriais em si desconexos se realizam em visões subjetivas.

Com pouca representação na mídia tradicional, a situação do morador de rua na maioria das vezes é noticiada quando ele é vítima de violência física ou moral – como, por exemplo, ao ser expulso dos locais em que habita – muito por uma proposta de higienização dos ambientes aos quais lhe é negado o acesso. As políticas públicas que se voltam para este setor ainda carecem de incentivos e ideias criativas que sejam capazes de traduzir os abrigos, como locais verdadeiramente acolhedores a esta população.

Esta condição imposta ao morador de rua, sua invisibilidade perante a sociedade, é tema de algumas iniciativas que buscam dar voz a este personagem dos grandes centros. O *Boca de Rua*³ é um desses projetos. Atuando desde o ano 2000, em Porto Alegre, tem como proposta a publicação homônima impressa que é feita e vendida por pessoas em situação de rua. Oficinas semanais dão conta da elaboração dos textos, fotos e ilustrações para compor o jornal. O dinheiro arrecadado nas vendas reverte aos participantes como fonte alternativa de renda. Além de produzir o jornal, o projeto *Boca de Rua* também já realizou Oficinas de Vídeo, Oficinas de Escrita Livre e Oficinas de Fotografia.

Outro projeto que segue esta mesma linha é o *Rio Invisível*, assim como o *São Paulo Invisível*, como projeto pioneiro. O projeto faz uso da plataforma *Facebook* na qual são postadas fotos, vídeos e depoimentos recolhidos com a população de rua das suas respectivas cidades: “O Rio Invisível busca ressignificar a população em situação de rua no Rio de Janeiro e repensar o modelo de cidade” (disponível em <https://www.facebook.com/rio.invisivel/acesso> em 26/10/2016). São histórias de vida que ao serem expostas buscam quebrar a barreira social existente entre a população de rua e a sociedade, assim como refletir sobre a cidade em que vivemos e queremos.

Considerações finais

O modelo de cidade em que vivemos hoje expõe de forma potencializada as cenas modernas, reflexo da revolução urbana das grandes cidades ocidentais no século XIX, que influenciaram um modelo de urbanização a ser seguido. A ordenação racional exigida para o seu funcionamento dinâmico misturou-se a um cotidiano recheado de novidades que, amparadas por subjetividades e afetos, foi capaz de transformar a sensibilidade do indivíduo urbano e se mostrar mesmo como urbanidades geradas. A multidão

³ O Boca de Rua é membro da Rede Internacional de Publicações de Rua (International Network of Street Papers – INSP), entidade com sede na Escócia, que reúne jornais e revistas vendidos por populações em situação de risco de 40 países. Dentro da INSP, prima pela originalidade, pois é o único, desta rede, produzido pelos próprios vendedores. (disponível em <http://www.alice.org.br/mais-projetos/linha-1-novos-canais-de-comunicacao/boca-de-rua> / acesso em 26/10/2016).

atraída pelas possibilidades do novo ambiente segmentou-se em públicos diversos que deram o caráter heterogêneo intrínseco às cidades. Enquanto Victor Hugo descreveu sua multidão de miseráveis, Baudelaire personificou sua multidão liberta no *flâneur*:

Se desde a invenção da cidade moderna, no século XIX, o espaço urbano foi criado com seus pontos cegos, nas cidades contemporâneas não seria diferente: ampliaram-se as facilidades e também os conflitos. Um dos aspectos que reflete parte da crise do urbano são os pontos de esvaziamento de narrativas, os quais podemos considerar como espaços de não lugares, espaços negados, espaços não reconhecidos. E a população em situação de rua, em sua grande maioria, ocupa estes espaços. Muitas vezes, nem percebemos ao passar que eles estão ali. Há uma invisibilidade que os exclui da sociedade, da mídia e também do estado. Porém, esta mesma invisibilidade, de certo modo, também os protege. Eles se tornam livres na sua relação com o espaço, com suas práticas cotidianas capazes de ressignificação; seus enunciados, seus mapas. Ele observa a cidade, flui através dela, quase sem ser percebido. Como um personagem do urbano contemporâneo, situa-se entre o miserável de Victor Hugo e o *flâneur* de Baudelaire.

Referências

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Paris: Bertrand Brasil, 1997.

BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos* (col. Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 1-58.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOCA DE RUA. Disponível em <http://www.alice.org.br/mais-projetos/linha-1-novos-canais-de-comunicacao/boca-de-rua>. Acesso em: 26 out. 2016.

BRASIL. Decreto-Lei n. 7.053, de 23 de dezembro de 2009. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 24 dez. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 08 jul. 2017.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. Prelúdios: notas sobre a cidade nova. In: _____. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 137-148.

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. *Estudos Avançados.*, São Paulo, v. 27, n. 79, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300007&lng=en&nrm=iso Acesso em: 27 out. 2016.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

RIO INVISÍVEL. Disponível em: <https://www.facebook.com/rio.invisivel>. Acesso em 26 out. 2016.

RECEBIDO EM: 10/11/2016 ACEITO EM: 11/04/2017